

Os microdramas e a transformação nas práticas de consumo audiovisual¹

Amanda Carlos de Alarcão Lima²
Matheus Henrique Alves Soares³
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Resumo

O presente artigo investiga como o formato emergente dos microdramas reconfigura a experiência narrativa e o vínculo emocional do espectador na contemporaneidade a partir da transformação das práticas de consumo audiovisual decorrentes da ascensão das plataformas digitais, fenômeno que deslocou a telenovela de seu espaço exclusivo na televisão tradicional para integrá-la a um ecossistema multiplataforma. A partir da análise cultural e da imersão empírica dos autores desta pesquisa enquanto espectadores da produção *A vida secreta do meu marido bilionário* (2025), discute-se como o microdrama condensa, acelera e reinscreve convenções melodramáticas tradicionais em uma temporalidade marcada pela fragmentação, mobilidade e distração. Para tanto, estabelece-se um diálogo teórico com os conceitos de estrutura de sentimento, de gênero como categoria cultural e dos fluxos audiovisuais em rede, visando compreender como o microdrama opera simultaneamente nas chaves da continuidade e da ruptura. Ao deslocar o consumo do espaço estático e coletivo da sala de estar para cenas móveis do cotidiano, o microdrama reconfigura modos de atenção, parâmetros de legitimidade e formas de viver o audiovisual na cultura midiaticizada.

Palavras-chave: microdrama; consumo audiovisual; estrutura de sentimento; melodrama; cultura digital.

Transformações recentes no consumo audiovisual

O presente artigo busca investigar o processo de transformação no consumo das telenovelas a partir do surgimento do microdrama, narrativa seriada com episódios de curta duração, nativa digital e projetada especificamente para as interfaces verticais dos smartphones (GUIMARÃES, 2025). O formato, também conhecido como de novela vertical e mininovela, se originou na China, em 2018, ganhando popularidade do Brasil em 2022, pelo projeto *Telekwai*. A iniciativa foi desenvolvida no âmbito da plataforma *Kwai*, concebida exclusivamente para a produção amadora e semiprofissional de

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação, na Universidade Federal de Sergipe, pesquisadora da GENI. e-mail: alarcaoamanda@academico.ufs.br.

³ Publicitário, Mestrando em Comunicação no programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal de Sergipe, Pesquisador do LAVINT, Especialista em mídia, branding e estratégia pela ESPM.

dramaturgia nacional, caracterizando-se por narrativas roteirizadas no formato vertical e direcionadas especificamente para o uso em smartphones (DINO, 2024). Sua especificidade estética e estrutural reside na brevidade de seus episódios, cuja duração varia tipicamente entre 1 e 3 minutos, configurando narrativas aceleradas dotadas de reviravoltas frequentes e picos dramáticos estratégicos projetados para capturar a atenção imediata e subjetividade do espectador em seus lapsos de tempo cotidiano (AMARAL, 2026). Cada produção compreende uma média de 50 a 100 capítulos e os principais canais de difusão são as plataformas digitais de compartilhamento de vídeos de curta duração.

O fenômeno dos microdramas ainda carece de estudos acadêmicos consolidados. Buscas sistemáticas em base de dados de periódicos acadêmicos e no Bancos de Teses e Dissertações da CAPES apontaram para a inexistência, até o momento, de pesquisas sobre os microdramas na América Latina. Entretanto, em período imediatamente anterior à conclusão deste estudo, foram publicados três artigos pioneiros sobre a temática nos Anais do 35º Encontro Anual da COMPÓS. Diante desse cenário, a presente investigação soma-se a esses esforços iniciais como resposta direta à lacuna de referenciais teóricos, bem como à necessidade premente de desenvolver aportes conceituais e metodológicos capazes de abarcar as especificidades desse formato narrativo emergente.

Embora tenha ganhado popularidade Brasil em 2022, entendemos que a consolidação definitiva e o ápice de relevância dos microdramas no mercado nacional ocorreram após o lançamento, em maio de 2025, de *A vida Secreta do Meu Marido Bilionário*, divulgado como o primeiro microdrama brasileiro, produzido profissionalmente pela plataforma ReelShort, criada exclusivamente para produção e circulação dessas novelas. O êxito da produção, que registou mais de 300 milhões de visualizações em pouco mais de um mês (ARAÚJO, 2025), gerou repercussão expressiva em veículos de comunicação e nas redes sociais.

Diante desse cenário, nosso objetivo é investigar como o microdrama reconfigura a experiência narrativa e as dinâmicas de consumo das telenovelas na contemporaneidade. À luz dessa problemática, estabelece-se a seguinte questão: de que maneira as transformações nas práticas de consumo audiovisual promovidas pelos microdramas afetam o vínculo emocional do espectador de telenovela?

Para responder a essa problemática, adotamos como recorte empírico o consumo em fluxo das novelas verticais, com foco na experiência de vínculo emocional do espectador, a partir da análise da obra *A vida secreta do meu marido bilionário*, em diálogo comparativo com a memória histórica da telenovela brasileira. Do ponto de vista metodológico, desenvolvemos uma análise ancorada na observação participante, por meio da qual acompanhamos de forma sistemática a referida narrativa vertical em plataforma móvel, registrando em notas de campo as condições de consumo, as emoções acionadas e as rotinas de visualização pautadas pelo fluxo fragmentado. Esse material empírico, articulado à nossa vivência enquanto espectadores das telenovelas tradicionais, é tensionado teoricamente com o conceito de estrutura de sentimento proposta por Williams (1979) e com as formulações de Gutmann (2023) sobre fluxos audiovisuais em rede, visando compreender como a temporalidade fragmentada e individualizada das novelas verticais reconfigura o vínculo afetivo com as matrizes melodramáticas contemporâneas. Para efeito deste trabalho, entendemos por telenovela tradicional a narrativa seriada produzida para a televisão aberta ou fechada, exibida em capítulos diários e organizada em uma grade de programação fixa.

Definição e origem do microdrama

Microdrama é um formato de narrativa audiovisual seriada caracterizado por episódios extremamente curtos, no formato vertical, geralmente com duração entre um e cinco minutos, produzidos para plataformas digitais e dispositivos móveis (GUIMARÃES, 2025). Também conhecido como mininovela e novela vertical, o formato transcende a tradicional matriz cultural da telenovela ao incorporar modelos mais dinâmicos e globais de consumo de conteúdo que se alinham diretamente com a forma de interação do espectador moderno com os ambientes digitais. Reflete a fragmentação estrutural da narrativa e a imediatividade dos consumos audiovisuais, cada vez mais moldados pelas plataformas digitais e pela lógica dos vídeos de curta duração (GUTTMANN, 2021). Nesse cenário, a lógica do fluxo, na qual o conteúdo se inscreve em um consumo contínuo, porém fragmentado, torna a narrativa mais veloz e acessível, ao mesmo tempo em que reatualiza e intensifica a matriz melodramática, formulada por Jesús Martín-Barbero (1997) a partir de quatro personagens principais, o traidor, o justiceiro, a vítima e o bobó. Guttmann (2021) aponta que esse consumo em

fluxo é marcado pela não linearidade e pela concomitância com práticas multitarefa, alterando substancialmente a maneira como a narrativa é percebida e consumida, além de adaptada à temporalidade fragmentada e à mobilidade do espectador moderno. Trata-se de uma configuração estética que transcende a herança histórica da novela televisivo ao hibridizar-se a múltiplas influências e práticas culturais da contemporaneidade. Esse formato propõe explorar formas dinâmicas de contar histórias com tramas diretas e intensas, sem os extensos arcos dramáticos de desenvolvimento constitutivos das telenovelas tradicionais, nos quais os conflitos demoram dezenas de capítulos para se desenvolver e ganhar um desfecho. Nas novelas verticais, a brevidade de um episódio revela-se autossuficiente para a elucidação e o fechamento do núcleo de ação apresentado.

Segundo Hanney (2025), os microdramas surgem da combinação entre a popularização dos smartphones, das redes móveis de alta velocidade e das plataformas de vídeos curtos, atendendo a novas formas de consumo audiovisual marcadas pela mobilidade e pela fragmentação da atenção. O autor destaca a verticalização como característica central desse formato, uma vez que as produções são concebidas para o consumo em dispositivos móveis, privilegiando enquadramentos mais próximos dos personagens e criando uma sensação de intimidade com o espectador. Nessa mesma direção, o pesquisador da Rede Obitel Brasil, Renan Claudino Villalon (2025) observa que os microdramas reduzem o espaço cênico em comparação à teledramaturgia tradicional, concentrando-se nos rostos e nas expressões dos atores, o que confere maior destaque à caracterização visual e emocional dos personagens. Para Villalon (2025), a maior mudança, está no roteiro. O pesquisador argumenta que, embora os ganchos narrativos também estejam presentes nas telenovelas, nos microdramas eles são intensificados, fazendo com que cada episódio se desenvolva entre sucessivos picos dramáticos. Essa estratégia busca capturar a atenção de espectadores que consomem conteúdo em contextos marcados por distrações, como transportes públicos, filas e intervalos do cotidiano. Como consequência, os microdramas promovem uma experiência emocional mais imediata e intensa, substituindo o envolvimento gradual característico da telenovela tradicional por vínculos afetivos rápidos e concentrados.

Essas mutações nas práticas de consumo audiovisual, proporcionadas pela configuração estética dos microdramas, vão além de uma simples transformação no

modo como as histórias são contadas. Elas reconfiguram a própria experiência emocional do espectador, o qual se descobre imerso em um fluxo ininterrupto e veloz de microconteúdos ficcionais. Esse modelo de narrativa desafia os parâmetros tradicionais de construção e engajamento emocional, que, na telenovela tradicional, estruturam-se mediante processos graduais de identificação ao longo de múltiplos episódios e arcos dramáticos estendidos. No ecossistema dos microdramas, o vínculo emocional se constrói sob a chave da imediatividade e da efemeridade, mobilizando estratégias de saturação sentimental e picos afetivos instantâneos desde o primeiro momento da narrativa.

Para compreender a profundidade desse deslocamento perceptivo e mapear como essa superficialidade da cena contrasta com as memórias de recepção consolidadas no tecido social, faz-se necessário tensionar essas transformações à luz da cultura vivida pelos autores desta investigação, enquanto espectadores da novela vertical *A vida secreta do meu marido milionário*, percurso que orienta os procedimentos metodológicos desta investigação.

Cultura vivida: procedimentos metodológicos

O ato de assistir a uma telenovela era, para muitos de nós, um ritual sociafamiliar caracterizado pela convergência de indivíduos no espaço doméstico da sala de estar, mobilizados pela expectativa do episódio diário. Conquanto persistisse a prática de manter o aparelho televisivo acionado como plano de fundo sonoro durante a execução de tarefas domésticas, a modulação da trilha musical para matrizes de suspense ou romance operava como um vetor de convocação para que todos na casa suspendessem as atividades paralelas e redirecionassem o olhar coletivo para a tela. Esse engajamento se intensificava nos momentos da revelação, reviravolta narrativa ou naquele tão esperado beijo apaixonado pelo casal de protagonista.

Essa referência nostálgica direcionada a um passado recente não pressupõe a extinção do hábito de sintonizar a programação televisiva nos horários habituais. Não obstante, os dados sistemáticos acerca do declínio dos índices de audiência da teledramaturgia tradicional sinalizam que esse modo de viver a ficção televisiva enquanto experiência coletiva, em sincronia com o tempo e o espaço, vem sendo tensionado por outros regimes de consumo audiovisual, marcados pela fragmentação,

pela individualização e pela mediação de plataformas digitais. Desse modo, a cultura vivida da telenovela continua atuando como matriz importante, mas já não organiza sozinha o horizonte de expectativa dos consumidores contemporâneos de narrativas seriadas.

É precisamente nesse cenário que situamos o microdrama. Deste ponto em diante, propomos a discussão desse formato a partir da nossa experiência empírica enquanto pesquisadores-espectadores, buscando compreender, a partir do conceito de estrutura de sentimento formulado por Williams (1979) e de fluxo audiovisual, de Guttman (2021), como ele se inscreve em uma cultura atravessada por reconfigurações no fluxo audiovisual.

Do casamento por conveniência ao segredo bilionário: A vida Secreta do meu Marido Bilionário

A narrativa de A Vida Secreta do Meu Marido Bilionário é construída a partir de elementos clássicos do melodrama (BARBERO, 1997), articulados em uma estrutura marcada por conflitos afetivos, segredos familiares e ascensão social. A trama acompanha Nathália Queiroz, uma jovem que enfrenta dificuldades financeiras e aceita um casamento por conveniência com Sebastião Torres para custear o tratamento de saúde de sua mãe. O que inicialmente parece ser um acordo pragmático transforma-se em uma relação permeada por sentimentos, desconfianças e conflitos, especialmente porque Sebastião esconde sua verdadeira identidade: ele é herdeiro de uma fortuna bilionária. O segredo em torno de sua condição social funciona como o principal motor da narrativa, impulsionando uma série de revelações, intrigas familiares e disputas patrimoniais que desafiam constantemente os protagonistas. Ao longo da trama, novos obstáculos surgem a cada episódio, mantendo a tensão dramática e estimulando o engajamento do público. A obra mobiliza figuras tradicionais do melodrama, como a mocinha, o herói e os antagonistas, ao mesmo tempo em que explora temas recorrentes da teledramaturgia, como o amor improvável, as relações familiares conflituosas e a luta por reconhecimento social. Entretanto, diferentemente da telenovela convencional, esses elementos são condensados em episódios curtos e marcados por um ritmo acelerado. Cada capítulo é estruturado em torno de momentos de alta intensidade emocional e encerrado por ganchos narrativos que incentivam a continuidade da

visualização. Dessa forma, a obra demonstra como convenções melodramáticas historicamente presentes em folhetins, radionovelas e telenovelas podem ser reconfiguradas para atender às dinâmicas de consumo audiovisual das plataformas digitais.

O olhar dos pesquisadores enquanto espectadores do microdrama

A análise de *A Vida Secreta do Meu Marido Bilionário* foi desenvolvida a partir da experiência dos pesquisadores enquanto espectadores da mininovela. Essa condição possibilitou observar não apenas os elementos narrativos da obra, mas também as estratégias de engajamento, os modos de consumo e os sentidos produzidos durante a interação com o conteúdo. Ao acompanhar a narrativa em seu formato vertical e seriado, Lima⁴ e Soares⁵ registraram impressões, percepções e reflexões que contribuíram para a compreensão do fenômeno dos microdramas no contexto das culturas digitais contemporâneas. Dessa forma, a experiência de assistir à obra constituiu não apenas uma etapa da pesquisa, mas também um importante instrumento metodológico para a construção das análises apresentadas neste trabalho.

Lima relata que seu primeiro com o microdrama foi impulsionado pelo lançamento da obra *A vida secreta do meu marido bilionário* a partir de publicações patrocinadas no Instagram contendo fragmentos dos episódios e distribuídas sistematicamente pelo algoritmo, capturando sua atenção. A dispersão provocada pelo gesto rolar o *feed* era constantemente interrompida por esses recortes aleatórios e, embora não soubesse que nome dar ao formato, vinculou a narrativa ao universo da telenovela. Subsequentemente, ao acompanhar publicações diversas no Instagram, acessou um perfil com informações de que a Rede Globo estaria gravando o episódio piloto de uma novela vertical e, movida pela curiosidade, realizou buscas a respeito, chegando ao termo conceitual microdrama. Essa busca também a reconduziu à novela *A vida secreta do meu marido bilionário* e à plataforma ReelShort, que até então desconhecia. Com o objetivo de compreender a lógica operacional das novelas verticais, Lima instalou o aplicativo em seu aparelho para assistir à obra de forma integral. Ela observou que o modelo de negócios da plataforma viabiliza o acesso gratuito e livre de anúncios apenas aos seis episódios iniciais, porém, para continuar acompanhando a

⁴Amanda Carlos de Alarcão Lima – vide página 1

⁵Matheus Henrique Alves Soares – vide página 1

trama, era necessário fazer a migração para a versão paga ou submeter-se à exibição de inúmeras propagandas para desbloquear os capítulos seguintes. O forte engajamento gerado pelo enredo da trama manteve a pesquisadora tão presa à narrativa a ponto de optar por assistir a todos os anúncios publicitários necessários para concluir os 68 episódios da produção.

A decisão de Lima de consumir dezenas de inserções comerciais para alcançar o desfecho da trama revela que o investimento afetivo na resolução do conflito melodramático superou o custo da interrupção temporal, transformando a consumo audiovisual em uma negociação ativa, fragmentada e mercantilizada pela interface móvel. Como aponta Gomes (2011), a análise dessas ações cotidianas permite apreender “as fissuras da ordem do vivido” (GOMES, 2011), demonstrando que o espectador contemporâneo não descarta suas competências emocionais históricas, mas as reconfigura dentro de uma nova lógica de circulação técnica e comercial.

O relato de Soares, por outro lado, direciona-se para uma perspectiva comparativa entre o formato do microdrama e o da telenovela tradicional. A partir dessa compreensão, o ele aprofunda a discussão ao contrastar as temporalidades que caracterizam cada produto audiovisual. Com base em sua experiência como espectador de novelas verticais, ele observa que a telenovela tradicional, geralmente assistida no ambiente doméstico e em horários previamente estabelecidos, exige das famílias uma organização em torno da programação televisiva. Em contrapartida, ao pegar o celular para assistir aos episódios de *A vida Secreta do meu Marido Bilionário*, ele percebe que o microdrama rompe com essa rigidez temporal ao adaptar-se aos intervalos e deslocamentos do cotidiano. O pesquisador experienciou o consumo da novela vertical em diversos contextos: em paralelo com a televisão, durante trajeto até a universidade, em filas de espera e nas pausas do trabalho. Ao relatar a vivência de assistir aos microdramas com o aparelho de TV ligado ao fundo, Soares materializa a coexistência e o tensionamento recíproco entre duas temporalidades em disputa, que é a linearidade contínua da grade de transmissão (GUTMANN, 2023) e a fragmentação acelerada do *feed* algorítmico, entendendo que esse cenário de hibridismo demonstra que o formato vertical não anula a televisão de forma absoluta, mas enfraquece sua exclusividade mediática sobre a ficção seriada. Soares relata, ainda, que sua vivência empírica lhe permitiu identificar a existência de um deslocamento importante nas práticas de

recepção audiovisual, isto é, a experiência centralizada, organizada por uma grade de programação e por horários definidos, abre espaço para uma experiência dispersa e fragmentada, integrada às brechas do cotidiano e redefinem a relação do público com as narrativas seriadas, privilegiando práticas mais flexíveis, individualizadas e móveis.

A análise integrada das vivências empíricas de Lima e Soares enquanto pesquisadores-espectadores mostra como o consumo dos microdramas mistura novidades tecnológicas com hábitos antigos (GUTMANN, 2021). O primeiro contato de Lima com o formato ilustra bem como o algoritmo consegue capturar a atenção do espectador. Propagandas com trechos curtíssimos de episódios apareciam na tela do seu celular e interrompiam seu gesto de rolar o *feed*. Mesmo sem conhecer o nome do formato, a identificação com a história foi imediata, pois a trama trazia os papéis clássicos da mocinha, da vilã e do herói mapeados por Jesús Martín-Barbero (1997). A facilidade em reconhecer a história vem de uma memória afetiva residual, ou seja, de tudo o que ela aprendeu assistindo às novelas tradicionais e esse aprendizado antigo funciona como uma base que ajuda a entender o formato emergente nas plataformas digitais (WILLIAMS, 1979).

Esse novo hábito cria um choque direto com o papel histórico da televisão aberta, que sempre centralizou a experiência audiovisual na sala de estar. Ao assistir aos microdramas com o aparelho de TV ligado ao fundo, Soares vivencia o embate entre duas temporalidades: a transmissão contínua da televisão (GUTMANN, 2023) e o fluxo acelerado do celular. Elas coexistem e se cruzam no mesmo espaço. O formato vertical não substitui a televisão de forma absoluta, mas retira dela a exclusividade sobre as histórias de ficção. Ao espremer as emoções da novela em episódios de dois minutos, o microdrama reorganiza a nossa estrutura de sentimento, mostrando que a antiga experiência coletiva da sala de estar agora divide espaço com o consumo individual e silencioso das telas móveis. A experiência afetiva engendrada por esse formato não se estabelece mediante a construção prolongada de vínculos emocionais, como característico das produções tradicionais, mas por uma espécie de memória afetiva condensada, acionada quase instantaneamente que nos conduz a um clímax dramático imediato, estruturado por gestos exagerados, planos fechados, olhares teatrais direcionados à câmera e trilhas sonoras de rápida ascensão.

A partir dos estudos de Guttman (2021) entendemos que há um regime de novidade na forma, cuja especificidade não se restringe à configuração geométrica da tela, mas pela maneira histórica de organização do tempo. Desse modo, aquilo que, à primeira vista, se apresenta como “novo”, é, na verdade, um episódio de um ou dois minutos em tela vertical que é reconhecido por nós como familiar de um repertório afetivo que se apoia em convenções estéticas previamente sedimentadas. Essa ambivalência entre o ineditismo formal e o reconhecimento cultural pode ser melhor compreendida à luz do conceito da estrutura de sentimento formulada por Williams (1979). Para o autor, as formas culturais carregam temporalidades distintas, dominantes, residuais e emergentes, que coexistem e se tensionam em um mesmo tempo histórico (WILLIAMS, 1979).

Ao acompanhar um microdrama que soluciona um triângulo amoroso em um intervalo de dois minutos, identificamos nele um elemento emergente, intrinsecamente vinculado ao regime acelerado de circulação nas plataformas digitais, mas também percebemos um forte componente residual: o melodrama, a moralidade binária, a oposição arquetípica entre heróis e vilões e a hiperbolização das emoções. É justamente dessa combinação que depende a resposta afetiva do espectador.

A discussão de Jason Mittell sobre gênero como categoria cultural também contribui para o aprofundamento desse deslocamento analítico. Para o autor, os gêneros midiáticos não consistem em essências textuais intrínsecas, mas configuram-se como resultados de disputas, convenções restauradas e reconfigurações históricas que envolvem textos, indústrias, audiências, aportes tecnológicos e crítica cultural (MITTELL, 2001). Quando analisamos a narrativa dos microdramas que vemos em plataformas como *TikTok*, *Kwai* ou *ReelShort*, percebemos que eles restauram convenções melodramáticas, tais como o clímax acelerado, estruturas morais simplificadas e tipos sociais facilmente reconhecíveis, as quais são rearticuladas em um ambiente de circulação vertical pensado para o consumo em fluxo. O gênero, por conseguinte, não desaparece, mas é reordenado em novos arranjos ecossistêmicos. A familiaridade que sentimos ao assistir não decorre de um enredo inovador, mas da maneira como essas convenções são performadas em outro ritmo e outra superfície técnica.

A partir das contribuições de Schechner (2006), o microdrama pode ser compreendido como uma forma de restauração de comportamentos e emoções já consolidados culturalmente. Em vez de abandonar o melodrama, esse formato reinscreve seus conflitos e afetos em episódios curtos, adaptados ao consumo em smartphones e às dinâmicas das plataformas digitais. Nessa lógica, as emoções deixam de ser construídas ao longo de longas narrativas e passam a ser condensadas em momentos de alta intensidade. Assim, mais do que memorizar enredos específicos, os espectadores reconhecem e reproduzem padrões afetivos recorrentes, como ciúme, traição e revelações dramáticas. Desse modo, o microdrama combina ruptura e continuidade: rompe com a temporalidade da telenovela tradicional, mas preserva e intensifica as estruturas emocionais que historicamente sustentam o melodrama.

Entre telas e tempos: o que o microdrama revela

A partir deste estudo, entendemos que o microdrama constitui um formato emergente em relação às novelas convencionais, deslocando temporalidades, modos de circulação e regimes de atenção que historicamente organizaram a experiência seriada no Brasil. O artigo se estruturou a partir do diálogo entre a teoria da estrutura de sentimento (WILLIAMS, 1979; GOMES, 2011), e os estudos sobre fluxos audiovisuais e ambiências midiáticas (GUTMANN, 2021), articulados à experiência empírica dos autores com *A vida secreta do meu marido bilionário*. Nesse percurso, buscamos responder à seguinte questão: como as transformações nas práticas de consumo audiovisual promovidas pelos microdramas afetam o vínculo emocional do espectador e a experiência narrativa?

Os caminhos trilhados indicam, em primeiro lugar, que o microdrama não rompe de forma absoluta com a tradição melodramática da telenovela. Ao contrário, ele se apoia em convenções narrativas, afetivas e morais já sedimentadas (a oposição entre mocinhos e vilões, a centralidade da vilã, o amor ameaçado, os ganchos narrativos) mas as condensa em outro regime temporal e técnico. Nesse sentido, o formato opera no campo do emergente sem abandonar o residual (WILLIAMS, 1979), isto é, mobiliza a estrutura de sentimento melodramática que aprendemos diante da TV hegemônica, reinscrevendo-a em episódios verticais de um a três minutos. O vínculo emocional

continua a ser melodramático, mas agora se constrói por pulsos intensos e rápidos, mais do que por um acompanhamento prolongado de arcos dramáticos.

Em segundo lugar, mostramos que a experiência narrativa proposta pelo microdrama está intrinsecamente ligada à lógica do fluxo em plataformas digitais. O consumo deixa de se organizar pela grade horária da emissora e passa a infiltrar-se em brechas do cotidiano, em cenas móveis marcadas por distrações, multitarefa e circulação contínua de conteúdos. Nesse contexto, o espectador não precisa mais ajustar sua vida ao horário da novela; é o microdrama que se ajusta às frestas de tempo disponíveis. Essa reconfiguração temporal afeta o vínculo emocional de duas maneiras: por um lado, reduz a possibilidade de um envolvimento lento, acumulativo; por outro, aumenta a frequência de acionamento de afetos condensados, que se repetem em fragmentos narrativos semelhantes, atravessando o feed como uma série de variações sobre os mesmos conflitos.

Em terceiro lugar, o artigo evidencia que o microdrama produz um tensionamento importante com a centralidade histórica da televisão aberta como instância hegemônica de mediação da ficção seriada. A coexistência entre a TV ligada na sala e o microdrama consumido no smartphone revela duas temporalidades em disputa: a linearidade contínua da transmissão televisiva e a fragmentação acelerada do scroll. Se a televisão, como lembra Williams, é forma cultural e instituição social que organiza modos de vida (WILLIAMS, 1979), o microdrama atua como formato que desloca, mas não elimina, essa centralidade, ao reinscrever códigos melodramáticos televisivos em uma nova ecologia técnica, marcada por plataformas, algoritmos e telas individuais.

Ao mesmo tempo, pudemos tensionar a maneira como se distribuem os valores de legitimidade entre a novela e o microdrama. Enquanto a primeira é associada à “densidade” narrativa e ao investimento prolongado, o segundo é frequentemente desqualificado como entretenimento “fast-food”. A análise desenvolvida neste texto, contudo, sugere que essa oposição é menos evidente quando observamos a experiência vivida. Ainda que breve e otimizado para contextos de distração, o microdrama é capaz de mobilizar afetos intensos e memórias narrativas prévias exatamente porque trabalha com convenções melodramáticas restauradas. O que está em jogo não é a ausência de densidade, mas a sua reformulação: uma densidade condensada, medida menos pela

duração e mais pela intensidade emocional e pela repetição, no interior de fluxos audiovisuais em rede.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o artigo procurou demonstrar a potência de articular estrutura de sentimento, gênero como categoria cultural e performance para pensar um fenômeno ainda pouco explorado na pesquisa latino-americana. Ao aproximar esses aportes da vivência dos autores enquanto espectadores, procuramos construir uma leitura que não se limita a diagnosticar o microdrama como sintoma de superficialidade, mas o compreende como forma cultural em disputa, onde se cruzam temporalidades dominantes, residuais e emergentes, regimes de atenção, modos de investimento afetivo e reconfigurações industriais. Nesse sentido, o trabalho se coloca como uma contribuição preliminar para a construção de aparatos conceituais capazes de ler o microdrama para além do impacto imediato de seus números de visualização, reconhecemos os limites deste percurso: o recorte privilegiou um conjunto restrito de obras e uma observação ancorada na experiência de dois espectadores-pesquisadores, sem abarcar, por exemplo, investigações sistemáticas de recepção com diferentes grupos sociais, recortes de classe, gênero e sexualidade, ou análises comparativas com produções de outros países latino-americanos. Esses limites, no entanto, se convertem em agenda de pesquisa. Desdobramentos futuros podem explorar como diferentes audiências modulam seus investimentos afetivos nos microdramas, como esse formato é apropriado por produtoras independentes e criadores amadores, e de que modo as plataformas negociam, disputam e capitalizam esses novos regimes de vínculo emocional e de narrativa seriada.

Se, como sugerimos ao longo do texto, os microdramas não apenas traduzem, mas também ajudam a moldar uma nova maneira de viver o audiovisual, investigá-los é também uma forma de compreender os deslocamentos mais amplos nas formas de sentir, narrar e compartilhar histórias em uma cultura midiaticizada em permanente reconfiguração.

Referências

AMARAL, Diorman. A vertigem do vertical: microdramas e a colonização do instante. *Revista Cult*, 06 maio 2026. Disponível em: <https://bit.ly/4er434U>. Acesso em: 21 maio 2026.

ARAUJO, Miguel. A vida secreta do meu marido bilionário: conheça a 1ª novela vertical brasileira. *O POVO*, 22 jun. 2025. Disponível em: <https://bit.ly/4gAWslC>. Acesso em: 18 out. 2025.

BBC NEWS BRASIL. As microsséries chinesas com episódios de 1 minuto que viraram febre no mundo. 06 jun. 2025. Disponível em: <https://bit.ly/4vjSaDQ>. Acesso em: 08 out. 2025.

CONTADO, Valeria. Kwai levará séries e novelas para o universo dos vídeos curtos. *Meio & Mensagem*, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/4fVo8BA>. Acesso em: 18 out. 2025.

EXAME. Mininovelas do Kwai são nova aposta do app para crescer no Brasil. *Exame*, 19 abr. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/3aMO>. Acesso em: 20 out. 2025.

G1 GLOBO. O que são microdramas? E como as novelinhas verticais devem causar uma reviravolta no mercado. 04 out. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/tv-e-series/noticia/2025/10/04/o-que-sao-microdramas-e-como-as-novelinhas-verticais-devem-causar-uma-reviravolta-no-mercado.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2025.

GUTMANN, Juliana Freire. *Audiovisual em rede: derivas conceituais*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFGM, 2021.

MEIO & MENSAGEM. Kwai levará séries e novelas para o universo dos vídeos curtos. *Meio & Mensagem*, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://meioemensagem.com.br/midia/kwai-levara-series-e-novelas-para-o-universo-dos-videos-curtos>. Acesso em: 18 out. 2025.

PANCINI, Laura. Mininovelas do Kwai são nova aposta do app para crescer no Brasil. *Exame*, 19 abr. 2022. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/mininovelas-do-kwai-sao-nova-aposta-do-app-para-crescer-no-brasil/>. Acesso em: 20 out. 2025.

POLLILO, Aline. O que são microdramas? E como as novelinhas verticais devem causar uma reviravolta no mercado. *G1*, 04 out. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/tv-e-series/noticia/2025/10/04/o-que-sao-microdramas-e-como-as-novelinhas-verticais-devem-causar-uma-reviravolta-no-mercado.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2025.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CARDOSO FILHO, Jorge Luiz Cunha. Afeto Na Análise Dos Grupamentos Musicais: A Contribuição De Grossberg, Além De Grossberg. *Eco-Pós*, Rio De Janeiro, V. 7, N. 2, P. 70-91, 2004.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico Bernardo. *Pesquisando plataformas: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA, 2020. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32043>

GOMES, I. M. M. (2007). Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. *E-Compós*, 8. <https://doi.org/10.30962/ec.126>

GOMES, I. M. M. (2011). Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. *Revista FAMECOS*, 18(1), 111–130. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2011.1.8801>

GOMES, Itania. Raymond Willkiams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: GOMES, Itania; JANOTTI, Jeder (Org.). Comunicação e estudos culturais. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, Itania Maria Mota; ANTUNES, Elton. Repensar a comunicação com Raymond Williams: estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas. *Galáxia* (São Paulo), n. spe1, p. 0008-0021, 2019.

HANNEY, Roy (2025). Micro-Drama: From Chinese Phenomenon to Global Trend - Preprint Version. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/394435103_Micro-Drama_From_Chinese_Phenomenon_to_Global_Trend_-_Preprint_Version

MATOS, D.; FILHO, J. C.; MAIA, J.; NOVA, L. H. S. da. Mapas cotidianos da Feira Livre de Cachoeira-BA: cultura, hegemonia e estrutura de sentimento. *E-Compós*, [S. l.], v. 21, n. 3, 2018. DOI: 10.30962/ec.1435

MEIO & MENSAGEM. Kwai levará séries e novelas para o universo dos vídeos curtos. *Meio & Mensagem*, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br>.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1979.